

# TRAJETÓRIA DE CONSTITUIÇÃO E AÇÃO DO GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL (GEPEA/UFSCAR): construindo pesquisas não alienadas para uma educação não alienante

Haydée T. de Oliveira\*

Vânia G. Zuin\*\*

Amadeu J. M. Logarezzi\*\*\*

Rodolfo A. de Figueiredo\*\*\*\*

## INTRODUÇÃO

No contexto de institucionalização da educação ambiental no país, no que tange a sua inserção no mundo acadêmico, o Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Ambiental (Gepea) da Universidade Federal de São Carlos (Ufscar) iniciou suas atividades em 1995, com a orientação da primeira monografia e constituiu-se formalmente como grupo de estudo em outubro de 1998, com seis integrantes. Sendo liderado pela professora Haydée Torres de Oliveira e pelo professor Amadeu Logarezzi, o grupo cadastrado no Diretório de Pesquisa do CNPq conta hoje com 7 pesquisadoras/es (Alessandra Pavesi, Carmen R.O. Farias, Liane B.

---

\* Pesquisadora do GEPEA – Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Ambiental. Professora do Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Recursos Naturais da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e Professora Colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Engenharia Ambiental da Universidade de São Paulo (USP), Doutora em Ciências da Engenharia Ambiental e Pós-Doutora em Educação Ambiental. [haydee@ufscar.br](mailto:haydee@ufscar.br)

\*\* Pesquisadora do GEPEA – Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Ambiental. Professora do Programa de Pós-Graduação em Química e em Educação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Doutora em Ciências e em Educação e Pós-Doutora em Química. [vaniaz@ufscar.br](mailto:vaniaz@ufscar.br)

\*\*\* Pesquisador do GEPEA – Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Ambiental. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, Doutor em Ciências Físico-químicas. [amadeu@ufscar.br](mailto:amadeu@ufscar.br)

\*\*\*\* Pesquisador do GEPEA – Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Ambiental Professor do Programa de Pós-Graduação em Agroecologia e Desenvolvimento. Rural da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Doutor em Ecologia. [raf@cca.ufscar.br](mailto:raf@cca.ufscar.br)

Printes, Rodolfo A. de Figueiredo e Vania G. Zuin) e 19 estudantes-pesquisadoras/es, cujos projetos de pesquisa têm vínculo institucional.

O grupo de estudo, de caráter interinstitucional e com encontros presenciais quinzenais, conta com uma lista de comunicação com cerca de 100 inscrições. Muitos desses participantes acompanham as atividades do grupo a distância, pois pertencem a outras instituições tanto do estado de São Paulo como fora dele. Em média, 15 participantes comparecem regularmente nos encontros presenciais, nos quais os trabalhos são apresentados, questões teóricas são discutidas, experiências são trocadas e ações de mobilização são encaminhadas. O grupo também utiliza o ambiente virtual de aprendizagem *Moodle* para disponibilização de textos, vídeos e áudios de interesse, dos relatos dos encontros e das produções coletiva e de membros do Gepea.

## 1. TRAJETÓRIA

O Gepea iniciou suas atividades com pesquisas de iniciação científica e, a partir da participação nos programas de pós-graduação em Educação (PPGE/Ufscar), Ecologia e Recursos Naturais (PPGERN/Ufscar) e Ciências da Engenharia Ambiental (PPGSEA/USP), teve início a orientação de dissertações e teses na área de educação ambiental. Foram defendidas no âmbito do grupo 17 teses de doutoramento e 24 dissertações de mestrado, além de 21 monografias de final de curso e de especialização. A partir de 2010, pesquisadoras/es do grupo passaram a atuar em mais dois programas de pós-graduação (Agroecologia e Desenvolvimento Rural e Química), sendo que encontram-se em andamento 4 teses de doutoramento, 5 dissertações de mestrado, além de monografias de conclusão de curso e de especialização. As/os pesquisadoras/es do grupo são provenientes de diversas áreas de formação, a saber: ciências biológicas, pedagogia, ecologia, química, geografia, saneamento ambiental, engenharias, turismo, comunicação social e ciências da informação.

O grupo tem parcerias diversas: com outros grupos de pesquisa, no desenvolvimento de projetos de educação continuada (Programa de Melhoria do Ensino Público da Fapesp), projetos de extensão (cursos de educação ambiental para professoras/es do ensino infantil, do fundamental e do médio e para educadoras/es de jovens e adultos) e na formação de um grupo de estudo de caráter interinstitucional em educação ambiental

(Gepea), e com outras universidades brasileiras (Rupea – Rede Universitária de Programas de Educação Ambiental) e da Comunidade Européia (Rede Aces – Ambientalização Curricular do Ensino Superior).

Na pós-graduação foram ministradas nos anos recentes as disciplinas “Interpretação e educação ambiental” e “Metodologias de intervenção e pesquisa em educação ambiental”. A partir de 2010 estão sendo oferecidas as disciplinas “Pesquisa em EA” (PPGERN/Ufscar) e “Ecologia”, no PPGADR/Ufscar, que passou a incluir temas de EA no conteúdo programático de 2010. Na graduação nossa participação inicia-se com a colaboração na disciplina “Tópicos em educação ambiental”, oferecida aos cursos de Ciências Biológicas e de Pedagogia no período de 1993 a 1996. Em 1999 foi criada outra disciplina, intitulada “Ensino e pesquisa em educação ambiental”, direcionada especificamente para a formação inicial de professoras/es, oferecida a todos os cursos de licenciatura do campus de São Carlos. Outras disciplinas de graduação nas quais estamos envolvidas/os são “Educação ambiental em resíduos”, “Educação ambiental para a conservação da biodiversidade”, “Educação ambiental em gerontologia” e “Educação ambiental em processos de gestão ambiental”, consolidando uma prática de trabalho interdisciplinar na inserção da dimensão ambiental nos cursos de graduação da Ufscar. Professoras/es do grupo têm coordenado “atividades curriculares de integração entre ensino, pesquisa e extensão” (Aciepe) em educação ambiental nos campi de São Carlos e de Araras. Em todas essas iniciativas está presente a perspectiva reflexiva da pesquisa e ação críticas.

Em parceria com outros grupos de pesquisadoras/es do Grupo “A Temática Ambiental e o Processo Educativo” da Unesp – campus de Rio Claro e do Laboratório Interdisciplinar de Formação do Educador da USP – campus de Ribeirão Preto, o Gepea organiza a cada 2 anos, desde 2001, os Encontros de Pesquisa em Educação Ambiental (Epea), de caráter nacional, para os quais têm tido apoio da Fapesp e da Capes. Essa mesma parceria tem editado, desde 2006, a Revista Pesquisa em Educação Ambiental (Revipea), de periodicidade semestral (ISSN: 1980-1165 – Capes/Qualis B2 em educação). Em 2009, o V Epea teve como tema central *a configuração do campo de pesquisa em educação ambiental*, sempre com o objetivo de contribuir para a sistematização das pesquisas em andamento no país e no fortalecimento dessa área de conhecimento ([www.epea.tmp.br](http://www.epea.tmp.br)).

## 2. MARCOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS E LINHAS DE PESQUISA

A diversidade de enfoques e abordagens das pesquisas desenvolvidas reflete, de certa maneira, a própria heterogeneidade e evolução do campo emergente da EA, num contexto mais amplo de ambigüidades trazidas pela modernidade e pela crise de paradigmas na qual estamos imersas/os. Na busca de permitir a emergência de perguntas distintas de outros campos já constituídos, a pesquisa que valoriza a ação transformadora da rede de relações entre as pessoas, seu grupo social e o meio ambiente vai se definindo como tendência crítica. O adjetivo crítico incorporado a essa tendência mais recente tem seu lastro numa perspectiva política, ética e epistemológica da educação/ambiental, para além do marco teórico específico escolhido pelo/a pesquisador/a. Em outras palavras, temos visto no campo da pesquisa em EA tanto aquelas que embasam seus pressupostos nas abordagens fenomenológica / hermenêutica / interpretativista / construtivista quanto das abordagens críticas / sócio-crítica / crítico-dialética, e ainda em abordagens chamadas pós-modernas e que em diferentes graus procuram questionar a ordem estabelecida, estilos de vida destrutivos e as posturas autoritárias e conservadoras.

As/os pesquisadoras/es do grupo apresentam trajetórias de formação diversas, bem como têm feito diferentes escolhas quanto a grupos participantes, contextos e temas preferenciais, mas que de toda forma confluíram para sua aproximação no GEPEA. Poderíamos então dizer que, a despeito dessas diferenças, constatamos um rol de princípios que são comuns e compartilhados por todas/os no nosso fazer acadêmico, como: a produção coletiva e colaborativa de conhecimentos significativos, a valorização de processos educativos participativos e democráticos; a preocupação com a explicitação e questionamentos acerca dos valores éticos e estéticos que informam o agir humano; o diálogo de saberes e as abordagens transdisciplinares; a diversidade e a sustentabilidade como valor e princípio para a manutenção da vida e da resiliência dos sistemas de vida (humanos e não-humanos); equidade, justiça social, solidariedade; o diálogo como condição fundante de nossa práxis.

Logo, o grupo encerra certa pluralidade de referenciais teórico-metodológicos assemelhando-se no fazer investigativo em torno daqueles pressupostos, muitas vezes integrando atividades de ensino, de

extensão ou de gestão. Concebemos o conhecimento da realidade como fruto de um processo que, não desconsiderando sua face objetiva, valoriza as subjetividades e que decorre de alguns aspectos ontológicos do ser humano, como a capacidade de objetivar a realidade com a qual interage, e que se inscreve no contexto de sua inserção no mundo, e as capacidades de subjetivação e de comunicação dessa realidade, construindo coletivamente sentidos no conhecimento e na transformação desta, por meio da linguagem. Se, de um lado, a busca teórica do conhecimento é impulsionada pela curiosidade em parte inata, de outro, as ações humanas são motivadas pela necessidade de transformação da realidade da qual somos parte e que, por sua vez, nos constitui, num processo histórico do qual o ser humano é ao mesmo tempo sujeito, que escreve a história humanizando-se continuamente, e objeto, que por ela vai sendo continuamente (re)constituído.

Nesse sentido, consideramos que os processos de conhecimento da realidade e de sua transformação devem ser articulados dialética e dialogicamente, de modo que nossas ações e nossas reflexões sejam aspectos inerentes da práxis diária, não só na nossa vida acadêmica, mas que se amplifica e se estende para todos os âmbitos da vida – uma práxis em que a interação entre as pessoas tem papel central e em que a participação dialógica de cada uma/um e de todas/os é condição a ser priorizada. Em tais interações devemos buscar sempre ampliar o grau de dialogicidade ao entender o mundo sobre o qual dialogamos, considerando sua complexidade, a qual inclui, dialeticamente, a complexidade do processo de conhecê-lo e de transformá-lo, processo único através do qual buscamos ser mais, nos fazendo e nos refazendo dinâmica e permanentemente.

Tal marco implica ainda a escolha de um compromisso ético-político com a justiça social e com a preservação da vida, de onde decorre uma ruptura com quaisquer posturas e ações que apontem para desigualdade social ou para degradação ambiental. Como educadoras/es e pesquisadoras/es, mantemos uma postura de otimismo crítico em relação às possibilidades da educação e da ciência na direção desse compromisso, certas/os da importância das dimensões social, ambiental, política, cultural, ética e estética numa abordagem do contexto educativo e/ou da realidade em foco que, além de ser pautada pela inter e pela transdisciplinaridade, nada pode ter de neutra, implicando nossa responsabilidade como profissionais, como cidadãos/ãos e como seres humanos.

Com essa perspectiva mais geral, os trabalhos desenvolvidos pelo

grupo têm se referenciado em autores como Paulo Freire, Jürgen Habermas, Célestin Freinet, Edgar Morin, Maurice Merleau-Ponty, Pierre Bourdieu, Paul Ricoeur, Ramón Flecha, Jesús Gómez, Michel Thiollent, Boaventura de Souza Santos, René Barbier, Theodor Adorno, Max Horkheimer, Herbert Marcuse e Walter Benjamin.

As linhas de pesquisa que vem sendo delineadas ao longo de nossa trajetória podem ser enunciadas como: “ambientalização curricular na educação superior” (OLIVEIRA, 2007; OLIVEIRA et al., 2008), “formação inicial e continuada de professoras/es” (ZUIN et al., 2009), duas linhas que, embora voltadas para ações formativas em espaços universitários, são destacadas dado que consideramos a especificidade da formação de professoras/es para atuarem na educação básica; “educação ambiental nos espaços escolares e comunitários”, seja em ambientes rurais (FREIRE, 2006; JARA, 2006), como urbanos (LOGAREZZI, 2010); “percepção ambiental”, pesquisas nas quais o objetivo central é promover uma maior contextualização e o envolvimento de grupos para trabalhos interativos e/ou investigativos posteriores; e “análise da qualidade socioambiental” referente a questões e temáticas socioambientais específicas, cujos objetivos são a implementação de processos participativos de análise e a geração de subsídios para políticas públicas, seja no âmbito da gestão ambiental, seja no âmbito de políticas educativas.

### 3. PERSPECTIVAS FUTURAS

Com base no que foi apresentado nos itens anteriores, gostaríamos de indicar algumas iniciativas que estão em andamento no Gepea, no sentido de ampliar as possibilidades de um fazer educativo/investigativo mais coerente com as premissas que têm pautado as ações do grupo:

→ dar continuidade a um processo de sistematização da experiência do grupo, que vem refletindo sobre si mesmo e (re)construindo sua **identidade**, cambiável ao longo do tempo e na medida da substituição de seus membros mais presentes e atuantes;

→ dar continuidade a um processo de **explicitação dos princípios** que direcionam a pesquisa/ação/reflexão em educação ambiental, dado que embora com um grau importante de compreensão compartilhada entre seus participantes, temos identificado que, especialmente entre membros recém-chegados, há necessidade de desenvolver textos reflexivos voltados para a formação de pesquisadoras/es iniciantes no grupo;

– **sistematizar** e **planejar** as **ações** do grupo, que tem se diversificado ao longo do tempo, na medida em que, tendo iniciado com o objetivo principal de **formação** para a **pesquisa** em educação ambiental, tem se mostrado sensível à ampliação desse escopo, articulando-se a outros movimentos socioambientais dos quais também fazemos parte, como: a REA-São Carlos (Rede de Educação Ambiental de São Carlos, existente desde 1996) e o Cescar (Coletivo Educador de São Carlos, Araraquara, Jaboticabal e Região, resultante da implementação de políticas públicas federais em 2005), ações ligadas às questões locais e institucionais de gestão ambiental (Programa de Educação Ambiental da Cema – Coordenadoria Especial para o Meio Ambiente, da Ufscar e Câmara Técnica de Educação Ambiental do Comdema-SC – Conselho Municipal de Defesa do Meio Ambiente), entre outras. A articulação entre as instituições que participam desses movimentos e a articulação universidade-comunidade local são extremamente férteis para a perspectiva da produção de conhecimentos e saberes significativos e da participação em ações transformadoras, que têm nos fortalecido na busca de uma **pesquisa não alienada**, articulada a uma **educação não alienante**.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, P. *Extensão ou comunicação?* 13ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

JARA H., O. *Para sistematizar experiências*. Brasília: MMA, 2006.

LOGAREZZI, A.J.M. Educação ambiental crítico-dialógica em comunidades de aprendizagem. In: Matheus, C.E. (org.). *Educação ambiental: múltiplos olhares e saberes*. São Carlos: Rima, 2010 / no prelo.

OLIVEIRA, H.T. La formación ambiental en la educación superior: creatividad y autonomía entre amarras y resistencias. In: EDGAR GONZÁLEZ GAUDIANO. (Org.). *La educación frente al desafío ambiental global: una visión latinoamericana*. Mexico, D.F.: Plaza y Valdés, S.A. de C.V., p. 145-158, 2007.

OLIVEIRA, H.T.; FARIAS, C.R.O.; PAVESI, A. Educação ambiental no ensino superior brasileiro: caminhos percorridos e perspectivas para políticas públicas. *Revista Brasileira de Educação Ambiental*, v. 3, p. 91-101, 2008.

ZUIN, V.G.; FARIAS, C.R.O.; FREITAS, D. A ambientalização curricular na formação inicial de professores de Química: considerações sobre uma experiência brasileira. *EEC. Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias*, v. 8, p. 552-570, 2009.

